

*carta ao apresentador Chacrinha*

Alô, Alô, Velho Guerreiro! Aquele abraço!

Lélia Gonzalez

Pra quem não sabe, o dia 21 de março é aquele dedicado *contra a discriminação racial*, conforme o estabelecido pela ONU. Pois bem, no Brasil, ele praticamente passou em brancas nuvens, exceto pelo que ocorreu no programa diário de Cidinha Campos, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Ela resolveu entrevistar uma série de pessoas, negras na maioria, para responder à seguinte pergunta: “existe ou não a discriminação racial em nosso país?” Os depoimentos foram desde o posicionamento medroso e complexado de certa cantora negra, que disse “ainda estar se preparando” para enfrentar o problema, até aquele que mais nos impressionou: o de Abelardo Chacrinha Barbosa.

Quanto a essa irmã negra, damos o seguinte recado: nesse compasso de espera, teremos que esperar mais outros noventa anos para o negro ser tratado como gente neste país. Quanto a Chacrinha, ele pôs os pingos nos “is” ou, se quiser, o preto no branco. Da maneira mais incisiva e decidida, afirmou a existência concreta da discriminação no Brasil, especificamente no campo de suas atividades profissionais. E declarou que nas emissoras de televisão onde trabalhou anteriormente (Globo ou Tupi), programas de auditório como o seu sofriam uma série de restrições: proibia-se que as câmeras focalizassem diretamente o auditório, para que os negros não fossem mostrados. Proibidos os “closes” dos/as negros/as componentes desse público fiel que, na sua humilde espontaneidade, procura ver de perto os seus ídolos e lhes prestar suas homenagens. Os negros ou negras só poderiam ser focalizados de passagem ou de costas. E Chacrinha continuou denunciando o absurdo de tais restrições, uma vez que o Brasil é um país de negros; e, com suas metáforas incríveis, ele afirmava: “Eu sou negro, nós todos somos negros e até mesmos essas louras ou morenas que vemos por aí, também são negras”. Foram as declarações mais vigorosas e contundentes que ouvimos naquele 21 de março. Axé pra você, Velho Guerreiro, que, nas suas supostas loucuras tem apontado para muitas verdades que as autoridades governamentais, os políticos “progressistas” e os intelectuais idem, não têm a honestidade de assumir.

Todos eles falam do “povo”, dos interesses e das necessidades do “povo”. Mas o “povo” de que falam nada tem a ver com aqueles que a gente conhece, porque nunca chegaram perto dele. Por conseguinte, nunca viram que ele é pobre, “feio”, desnutrido porque faminto, marginalizado e negro. E o que você tem mostrado, por anos a fio, é exatamente a face desse povo. Com suas organizações e seu surrealismo, você tem sido, na verdade, o porta-voz desse povo. Não foi à toa que Gilberto Gil (atualmente tão criticado pelos defensores “progressistas” do “povo”) lhe dedicou “Aquele abraço”, né? E também não é sem razão que, nestes últimos 15 anos, o seu programa tem sido podado pelas emissoras de televisão, né? Afinal, você é povo demais para elas. Na verdade, “progressistas” e “regressistas” não querem saber desse povo real do qual a gente veio e cujas manifestações mais autênticas a gente não está disposto a trair, né? Pensam que o povo é burro, que

pode ser manipulado por eles. No seu liberal-paternalismo, querem impor ao povo os seus valores (deles) decadentes. E quando esse povo expressa suas aspirações, suas exigências ou sua sabedoria, sabe o que eles fazem? Reprimem violentamente ou, então, inventam mecanismos mais ou menos sofisticados para tentar enganá-lo.

Neste sentido, é muito bom que a gente preste atenção para um novo programa inventado pela rede Globo de “qualidade”. Intitula-se “Alerta geral” (?), é apresentado em horário “nobre” e numa sexta-feira. A animadora é uma grande sambista negra: Alcione. Só tive oportunidade de ver a estréia, pois tive que vir para este país “racista e discriminador” que são os Estados Unidos (com essa acusação, eles procuram mascarar o racismo e a discriminação racial tupiniquins; o xavante Juruna que o diga). Mas isto é um papo pra depois. Pois bem; o programa apresentou grandes valores da música popular brasileira, negros em sua grande maioria. Muito samba, muito jogo de cintura, muito molho (até aí, um barato!). Mas comecei a ficar meio cabreira, sabe Chacrinha? Em primeiro lugar, porque o cenário era praticamente branco. Em segundo lugar, porque todos os crioulos estavam vestidos de branco. Até o piano em que o Tom Jobim acompanhou a Alcione (de peruca ruiva e de vestido branco) era branco, assim como a roupa do dito Jobim. Será por que sexta-feira é dia de Oxalá ou será uma questão se pura assepsia? Fiquei me perguntando.

Mas a máscara daquela brancura toda caiu, no momento em que se iniciou um diálogo entre a Alcione e o Emílio Santiago. O “papo” era a respeito de terem “recebido o cartão vermelho” (discriminados por serem negros) em vários lugares onde se apresentaram (clubes, boates, etc.). E sabe qual foi a “lúcida”, a “inteligentíssima” conclusão da conversa? A seguinte: “Realmente, estão todos contra o samba”. Sacou? Pois é...

Eles pensam que o povo pode ser enganado dessa maneira; sofisticada, é claro, mas sempre mentirosa. Pensam que convencem o povo de que somos uma “democracia racial”. Afinal, um programa com uma porção de crioulos, comandado por uma grande cantora negra, só pode ser a prova patente e que depoimentos como o seu não passam de uma grande calúnia, né? Pensam que o povo vai engolir essa nova mentira que nada mais é do que uma das astúcias da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial. Pensam que realmente estão mostrando o Brasil como modelo do “paraíso racial”. Que o negro é muito bem considerado e respeitado em nosso país. Mas a gente sabe o preço que ele tem que pagar pra dar essa falsa impressão, pra fazer esse teatro, né? Ele tem que trair as suas origens, o seu povo, e se transformar num “preto de alma branca”, num “preto, sim senhor” que, em última instância, é mais suportado do que aceito enquanto negro. Na verdade, ele tem que virar “branco” (?). E a gente sabe, né Chacrinha, que esses irmãos negros são manipulados e transformados em “cartões de visitas” da minoria branca dominante, daquela que proíbe de falar em discriminação racial. São utilizados para dar uma falsa imagem da nossa realidade e para que, no exterior, principalmente num mercado como o africano, essa minoria possa aumentar os seus lucros e perpetuar seus privilégios. Afinal, a Nigéria tem petróleo, né?

O que não sacam é que a gente sabe muito bem quais são os seus interesses; que a gente sabe, muito bem, que o povo negro brasileiro tem sido

massacrado, perseguido e expoliado. Que sua cultura tem sido comercializada, folclorizada e vendida como “autêntico produto nacional”. Que a mulher negra, ao exercer a profissão de mulata, por eles inventada, é apresentada como “produto de exportação” (não é Sargentelli?). Que as escolas de samba têm sido objeto de especulação financeira das “riotur” da vida.

Enquanto isso, o negro, o nosso povo, continua marginalizado nas favelas, alagados, conjuntos “habitacionais”, invasões etc. Continua sendo discriminado na admissão aos empregos, racialmente perseguido no trabalho e sofrendo a sistemática repressão da polícia, que o prende como vadio (desemprego, no caso do negro, é sinônimo de vadiagem, sabia?) e o tortura para confessar crimes que não praticou (por falar em anistia...). Enquanto isso, as crianças negras que vão à escola sofrem o estigma do pecado de serem negras, pois o discurso pedagógico as submete a diferentes maneiras de se envergonharem de si mesmas. Você sabia que a maioria das crianças consideradas desajustadas, com problemas psicológicos e/ou psiquiátricos, na rede escolar oficial são negras? Etc., etc.

E quando a gente denuncia esse cinismo todo, eles, cinicamente, nos chamam de racistas às avessas (pois o certo é ser racista às direitas, né?). Escondem para o nosso povo, para as nossas crianças (não importando a cor), por exemplo, que o primeiro Estado livre que existiu em todo o continente americano surgiu no Brasil. Só porque esse Estado foi a República Negra dos Palmares. Sacou? Não se apercebem o quanto são colonizados, ao reproduzirem tantas mentiras sobre eles e sobre nós. Não se apercebem (ou não desejam fazê-lo) que, ao servirem aos interesses do lucro, do capital internacional, estão enxovalhando sua dignidade de brasileiros. Não se apercebem que, na medida em que se consideram tão “brancos” no seu eurocentrismo (bobeia que na sua árvore genealógica sempre tem um negro ou um índio que fazem questão de ocultar), estão negando a nossa possibilidade, enquanto povo brasileiro, de assumir nossa própria identidade, nosso próprio destino e nosso próprio futuro. E o mais engraçado em tudo isso é que eles costumam chamar o negro de “macaco”. E eu lhe pergunto, Velho Guerreiro, quem efetivamente são os macacos, eles ou nós? Nós, pelo menos, não estamos preocupados em fingir que não somos negros ou que a cultura brasileira é européia. Também não nos envergonhamos da nossa ancestralidade negro/índigena, né?

No fundo, no fundo, a gente sabe de que nada adianta essa ginástica toda que eles fazem: está fadada ao fracasso. Mas nem por isso, vamos ficar passivamente calados assistindo a decadência desse império romano de hoje, que é a chamada civilização ocidental. Afinal, somos os bárbaros que o derrubarão. Por isso mesmo, temos que assumir nossos bárbaros valores, lutar por eles e anunciar uma nova era. Nova era de que somos os construtores.

Aquele abraço, e muito axé pra ti, Velho Guerreiro.